

O CÔNSUL NORTE-AMERICANO JOSEPH RAY E SEU PROVÁVEL APOIO À REVOLUÇÃO DE 1817

Claudineide Rodrigues Lima SAMPAIO*
Flavio José Gomes CABRAL**

RESUMO: O artigo, respaldado em fontes arquivistas e bibliográficas, busca conhecer o provável apoio dado pelo cônsul norte-americano Joseph Ray aos revoltosos da revolução pernambucana de 1817 bem como suas possíveis ligações com o emissário do governo revolucionário nos EUA, Antônio Gonçalves da Cruz (Cabugá) que na América do Norte buscou apoio para sustentar o levante entrando em contato com eminentes figuras do cenário político local, com a imprensa e com refugiados soldados napoleônicos que naquele país arquitetavam planos para por em fuga Napoleão Bonaparte que se encontrava prisioneiro dos ingleses na Ilha de Santa Helena.

Palavras-chaves: revoltosos, Cabugá, Napoleão Bonaparte

ABSTRACT: The article, archivists and backed in bibliographical sources, seeks to know the likely support given by the American Consul Joseph Ray Pernambuco to the rebels of the revolution of 1817 and its possible links with the emissary of the revolutionary government in the U.S. Antônio Gonçalves da Cruz (Cabugá) that in North America sought support to sustain the uprising by contacting eminent figures of the local political scene, with the press and with refugees Napoleonic soldiers who planned plans for that country by fleeing Napoleon Bonaparte who was imprisoned by the British on the island of Santa Helena.

Keywords: rebels, Cabugá, Napoleon Bonaparte

O início do século XIX foi um período de bastante agitação, principalmente, nos países latino-americanos que se amotinaram buscando desvincular-se de seus colonizadores. Os levantes deflagrados nas colônias espanholas possuíam íntima relação com os ideais da revolução dos Estados Unidos e com a revolução francesa como a grande maioria dos movimentos libertários deste período. Sob o controle da coroa portuguesa o Brasil apesar de ter tido sua condição de colônia elevada a Reino Unido a Portugal e Algarves não seguiu rumo diferente, no dia 6 de março de 1817, rebentava na província de Pernambuco um importante movimento que procurou desafiar o monarca implantando uma república que duraria 74 dias.

A revolução pernambucana como foi chamada por seus articuladores também tinham seus debates conspiratórios fomentados pelos ideais da revolução francesa e buscaram inspiração no modelo de país construído pela revolução americana, entre as inspirações estava o desejo de federalismo. Vale ressaltar que a revolução não buscava a supremacia de Pernambuco, mas a união das províncias do nordeste sob uma forma federalista, quando o representante da revolução, Antônio Gonçalves da Cruz, mais conhecido como Cabugá, nomeado pelo governo

* Graduada em História pela Unicap e bolsista PIBIC CNPq. Email: claudineide.sampaio@yahoo.com.br.

** Doutor em História, Prof da Unicap e Orientador PIBIC. Email: gomescabral@uol.com.br.

provisório, apresentou a bandeira da república às autoridades ianques a união das províncias e o objetivo futuro de sublevação geral do Brasil ficaram notáveis:

As três estrelas representam os estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte que, segundo as últimas notícias compunham a confederação para a liberdade e independência. Quando as restantes províncias do Reino do Brasil houverem aderido à confederação, outras estrelas serão colocadas em volta do arco-íris (MOURÃO: 2009, 159).

O governo provisório da nova república procurando estreitar as relações com a nação que tanto os inspirou enviou Antonio Gonçalves da Cruz como ministro plenipotenciário com plenos poderes de representação, pois, sem ingenuidade acreditava que a revolução não sobreviveria isolada e sem as relações comerciais que viriam com o possível reconhecimento. Foi por intermédio do comerciante inglês Charles Bowen que chegou ao governo de Washington a notícia da chegada de Cabugá e uma carta pedindo o reconhecimento do levante e assegurando liberdade absoluta de comércio. Bowen comunicou os acontecimentos de Pernambuco às gazetas americanas que colocariam em suas manchetes a “Revolução no Brasil” (MOURÃO: 2009, 16). Gazetas de outros países trouxeram em suas primeiras paginas notícias da revolução, a *Moniteur de Paris* deu maior destaque ao movimento de 1817 que mesmo a independência do Brasil. A revolução de 1817, pode ser compreendida como o movimento que “fundou politicamente o Brasil em nível internacional como entidade independente” é a partir dela que “começa a história diplomática do Brasil” (MOURÃO: 2009, 46).

Neste período as relações diplomáticas entre Brasil e Estados Unidos estavam intensas, nos Estados Unidos os interesses portugueses estavam sendo representados pelo abade José Correa da Serra que intensificou seu empenho em minimizar a repercussão da revolução ao saber da vinda de Cabugá como emissário dos rebeldes (FARIA:1999, 5). A missão diplomática de Cabugá aos Estados Unidos tinha propósitos claros, obter o reconhecimento daquele país, mesmo que não publicamente, comprar armas, punições e tentar alistar generais franceses ali refugiados prometendo-lhes soldos e vantagens para sustentar a revolução, sem entrar em indisposição com o ministro português Correa da Serra exercera grande influência na política estadunidense e que muito fez para neutralizar as tentativas do emissário (MELLO: 1939, 9).

Cabugá nos Estados Unidos conseguiu ser recebido pelo governo americano apenas em caráter particular (WRIGHT: 1979, 172), mas cumpriu seus propósitos na compra de armas e munições e no envio de soldados franceses para Pernambuco. No entanto, sua missão foi tida como infrutífera e ingênua tendo suas articulações diplomáticas ignoradas. A historiografia até pouco tempo considera como seu único feito ter conseguido do governo de Washington a nomeação de um agente consular que viria ser de grande valia para os rebeldes pernambucanos, a nomeação de Joseph Ray para cônsul dos Estados Unidos no Recife. Essa afirmação é contraditória, Ray de fato fora nomeado cônsul no Recife o que veio a esquentar ainda mais a relação dos rebeldes com os Estados Unidos, a contradição está na atribuição dada a Cabugá por esta nomeação. Unindo-se a autoria da nomeação ateemos a possibilidade de Ray ter se comunicado com Cabugá ou dele ter recebido alguma instrução em relação aos rebeldes, pois, entre seus feitos consulares no Recife está o de refugiar e fornecer aos rebeldes de 1817 fuga para os Estados Unidos.

Joseph Ray chega ao Recife em 6 de Julho de 1817 para assumir suas funções de cônsul dos Estados Unidos (MOURÃO: 2009, 178), em seu relatório de 5 de outubro de 1817 para o Ministro dos Estados Unidos Thomas Sumter no Rio de Janeiro, Ray recorda que sua nomeação se efetuou em 1816, um ano antes da Revolução eclodir (VEIGA, 1979, 270). Sua nomeação não poderia ter sido fruto dos desdobramentos da missão de Cabugá uma vez que ela teria ocorrido um ano antes. E partindo do ponto que Ray foi nomeado cônsul em 1816 o tempo que demorou a chegar ao Recife é demasiado longo, esse lapso de tempo se deve a demora do governo americano em liberar as credenciais de Ray (VEIGA: 1979, 277), entretanto, ainda é um tempo

considerável levando em conta que os Estados Unidos desde 1808 nomeava cônsules para atuar no Brasil.

O Ministro português nos Estados Unidos, o abade Correa da Serra, como figura de grande influência no cenário político e deciso a neutralizar não só qualquer atividade de Cabugá, mas qualquer tipo de apoio formal ou não que os americanos pudessem oferecer a revolução, possivelmente pode ter de alguma maneira influenciado o governo de Washington para a demora na liberação das credenciais do nomeado Joseph Ray uma vez que este não mantivera segredo de sua simpatia a causa dos rebeldes pernambucanos.

Joseph Ray reclama em uma petição no dia 15 de novembro de 1817 que as autoridades de Pernambuco demoraram a aceitá-lo como cônsul. Apesar de admiti-lo informalmente, as autoridades alegaram necessitar da aprovação régia para aceitá-lo formalmente. A demora em reconhecê-lo se deve pelo fato de Ray ser considerado suspeito de estar ali para atuar ao lado dos revolucionários, o governo português sabia dos interesses comerciais que os ianques buscavam estabelecer com o Brasil, como sabiam também das atribuições dos Estados Unidos nos movimentos libertários das colônias espanholas e por este motivo a vigilância seria constante. O cônsul refém desta vigilância constante confidenciou ao seu secretário de estado Jonh Quincy Adams em 1818 que as autoridades locais “vêm os americanos, desde a revolução, como pessoas suspeitas, que aqui chegam com o único objetivo de ajudar a causa patriótica neste país”(HORNE: 2002, 37).

No Brasil, os ideais republicanos são a consequência da existência de sociedades secretas e maçonaria, reuniões livres para debates sediciosos. Como tantos outros personagens deste movimento Joseph Ray era ligado à maçonaria e teria chegado a frequentar lojas maçônicas no Recife, as mesmas freqüentadas pelos rebeldes de 1817 (KAHLER: 1968, 98). A maçonaria não foi o único elo entre os pernambucanos e o cônsul, Ray antes de ser nomeado cônsul se tornara em Pernambuco sócio da casa comercial Ray & Bryan, a mesma que teria agenciado a vinda dos navios com armas e munições enviados dos Estados Unidos por Cabugá (WRIGHT: 1979, 173). De acordo com os livros de contabilidade do comércio onde Ray era sócio, possivelmente, ele esteve no Recife antes de 1817(KAHLE: 1968, 99).

Pernambuco sob o olhar do governador Luiz do Rego Barreto teve sua revolução sufocada, sob ordens do governador mandou-se abrir uma devassa para apurar melhor as conspirações e os conspiradores. Na devassa, o que antes era apenas especulações colocou-se a luz do conhecimento, que Pernambuco não servira de palco apenas para a atuação dos revoltosos, mas de palco para mais um malogrado plano francês de libertar o ex-imperador Napoleão Bonaparte da prisão atlântica de Santa Helena. Pois, nos Estados Unidos os interesses de Cabugá se coadunaram aos interesses de soldados napoleônicos ali refugiados, essa aproximação fora recomendado pelo governo provisório antes de Cabugá partir em missão:

Cuideis de tratar com eles e empenhar algum em nosso serviço, prometendo não só o soldo estipulado, como vantagens, e avanços extraordinários, e vos recomendamos, entre outros, a aquisição do general Excelsman ou algum outro que nos possa ser útil (CABRAL: 2012, 7).

Os soldados Napoleônicos insatisfeitos com o novo governo francês se refugiaram nos Estados Unidos buscando a liberdade que a pátria não lhes oferecia mais desde a derrota de Napoleão Bonaparte em 1815, esses soldados franceses encabeçados por José Bonaparte, irmão do ex-imperador, começaram a arquitetar projetos de por em liberdade Napoleão. A revolução pernambucana de 1817 serviria aos olhos de José Bonaparte como ponte de apoio para que Napoleão se libertasse do cativeiro pela ilha de Fernando de Noronha e de lá fosse conduzido aos Estados Unidos, sem outro pensamento em mente José Bonaparte decide enviar soldados ao Brasil.

Do porto de Nova York, Cabugá conseguira enviar para o Brasil dois navios com armas e munições, o navio Pinguim e o Paragon. A bordo desse último navio se encontrava, além de

munições, os enviados de José Bonaparte, o coronel Latapie, Louis-Adolphe Le Doulcet (Conde de Pontécoulant) e os soldados Artong e Raulet, o navio seguiu viagem e ao chegar no Rio Grande do Norte desembarcou o conde de Pontécoulant que se dizia médico e botânico e ali conseguira fazer amizade com o secretário do governador José Inácio Rodrigues, conseguindo assim permanecer sem problemas em território potiguar. O navio continuou a viagem até a Paraíba onde desembarcaram os outros três franceses, o coronel Latapie e os dois soldados Artong e Raulet (COSTA: 1903, 197-217).

Um dos primeiros estudos sobre esta conspiração napoleônica foi realizados por J.A Ferreira da Costa utilizando como fontes os documentos oficiais do governo de Pernambuco e os despachos consulares. Neste estudo, Ferreira da Costa trás que chegados a Pernambuco o coronel Latapie, o conde de Pontécoulant e Raulet haviam recebido hospedagem do personagem chave deste artigo, o cônsul Joseph Ray. O cônsul de acordo com nossas pesquisas envolveu-se com os rebeldes da revolução e com os soldados napoleônicos enviados dos Estados Unidos por Cabugá, Ray é uma peça chave para se compreender o emaranhado de tramas desencadeadas no levante de 1817.

A suspeita de o cônsul ser um agente destinado a ajudar a causa rebelde transformou-se em pouco tempo em certeza para as autoridades locais, é o próprio Ray em um relatório do dia 5 de outubro de 1817 a Thomas Sumter que diz que o governador Luiz do Rêgo Barreto desenvolveu uma indisfarçada hostilidade em relação a sua pessoa e provavelmente movido por este sentimento o governador manda fazer uma busca na casa do cônsul localizada a altura da madre Deus, a qual servia igualmente de consulado, para colocar a prova as suspeitas de envolvimento com os insurgentes. Na busca ocorrida em janeiro de 1818 no consulado a policia encontra escondidas três pessoas as quais respondem por crimes de revolução que estavam ali esperando obter de Ray fuga para os Estados Unidos, são levadas presas assim como o secretário do cônsul Flemming Holdt, Ray não se encontrava em casa neste momento (VEIGA: 1979, 278).

As acusações que recaíram sobre o envolvimento de apoio do cônsul são de refugiar os rebeldes no consulado, de promover a fuga deles para o seu país usando a firma em que era sócio no Recife, e de fazer ponte de comunicação entre Cabugá e os rebeldes que permaneceram em Pernambuco. Na pesquisa feita nos documentos do arquivo Público Jordão Emereciano (APEJE) encontrou-se documentos que fortificam a conduta do cônsul de apoio a revolução, uma carta do ministro Tomás Antônio Vila Nova Portugal endereçado a D João VI fala da má conduta de Joseph Ray, retratando-a como prejudicial aos interesses da coroa (APEJE. CC, cod. 25, 1819, fl. 61).

O embaixador português nos Estados Unidos, Correa da Serra, comunica ao ministro Tomás Antônio Vila Nova Portugal que Cabugá que se encontravam nos Estados Unidos mantinham comunicação com os rebeldes que ficaram em Pernambuco tendo como canal o cônsul Joseph Ray. Correa da Serra muito fez para destituir Ray do cargo apresentando as autoridades americanas denúncias contra o comportamento do cônsul, Vila Nova Portugal representando a vontade de D.João pede a Correa da Serra que apresente as falhas do cônsul ao secretario de Estado Quincy Adams e peça a imediata exoneração e a nomeação de um novo cônsul que tenha consciência de seus deveres consulares (CABRAL: 2012, 10).

A pesquisa nos documentos do APEJE revelou Ray tendo com um grupo de corsários presos em Pernambuco a mesma prática de apoio dada aos rebeldes de 1817 e aos soldados napoleônicos, a hospedagem. Por correspondência, D. João VI é informado de que há em toda a costa uma infestação de corsários, um grupo deles havia tomado posse de um brigue e de sua carga sendo retidos na província para prestar esclarecimentos, descobriu-se que o grupo mantinha comunicação com o cônsul americano e postos em liberdade, pois com seus passaportes estava tudo correto foram procurar hospedagem segura, que foi para todos a casa de Joseph Ray (APEJE. CC, cod. 25, 1819, fl.61).

Usamos aqui o envolvimento do cônsul com esse grupo de corsários apenas para estabelecer uma relação com as práticas usadas pelo cônsul em seu apoio aos rebeldes e aos

bonapartistas. Os estudos analisados até o momento nada dizem sobre o envolvimento de Ray com corsários, fica clara a necessidade historiográfica de uma pesquisa mais acurada deste personagem e os seus envolvimento nos anos posterior ao movimento de 1817.

Sendo a revolução um conjunto de tramas Ray ao apoiar o movimento apóia a trama orquestrada pelos soldados franceses, os quais possivelmente tiveram estadia no consulado e ajuda do cônsul ao terem seus planos descobertos e serem presos pelas autoridades da província de Pernambuco. O desembargador Bernardo Teixeira, designado para investigar os rebeldes do movimento de 1817 escrevia ao ministro Vila Nova Portugal que “o dito cônsul assiste aos oficiais franceses com dinheiro e tem procurado ter comunicação com eles, até no segredo mesmo”. O projeto de libertar Napoleão usando Fernando de Noronha malogrou no instante em que seus soldados foram presos e expulsos do Brasil para Lisboa (COSTA: 1903, 197-217). Na documentação sobre as prisões dos franceses, Raulet e conde de Pontécoulant confessam seus objetivos no Brasil:

No dia 23 de maio passado terem levado a Lisboa os dois franceses Luiz Adolfo, conde de Pontecoulant e Roulet, que foram remetidos presos dessa capitania e que sendo inquiridos pelo intendente geral da policia confessarão ser sócios de Latapie no projeto militar nessa capitania debaixo das bandeiras dos rebeldes, sendo convidados por um deles que se achava em Nova York com a denominação de embaixador de Pernambuco (APEJE.O.R, cod. 37, 1818, fl.103).

O projeto militar confessado pelos franceses se refere ao plano de libertar Napoleão uma vez que o coronel Latapie confessou no Rio de Janeiro esses ditos planos, contando que estava na Filadélfia quando soube do levante pernambucano e assim como seus compatriotas foi enviado para a capitania por José Bonaparte “para preparar uma flotilha e fazer evadir o ex-imperador” (COSTA: 1903, 208). No entanto, ainda é precipitado afirmar tais possibilidades, pois fontes importantes serão analisadas e confrontadas com as informações que aqui estão.

O secretário do cônsul Flemming Holdt teve destino igual ao dos soldados franceses, após ser preso foi expulso do Brasil para Lisboa (APEJE. O.R, cod. 37, 1818, fl. 106), os esforços de Ray para soltá-lo da prisão foram em vão. O cônsul teria visitado e se correspondido com seu secretário na prisão assim como aos soldados franceses que foram presos em datas próximos, possivelmente o ponto de ligação entre os soldados napoleônicos e o cônsul terá sido Flemming Holdt, mas a historiografia trás pouca informação sobre o secretário. O secretário seria um dinamarquês que servira no exercito francês de onde conhecera os soldados enviados por Cabugá e José Bonaparte e apoiara o projeto de libertar Napoleão a partir de Fernando de Noronha (COSTA: 1903, 205).

A presença no Brasil, sobretudo em Pernambuco, de soldados bonapartistas e a tentativa de retirar Napoleão da prisão de Santa Helena deixaram rastros documentais onde se pretendeu evidenciar neste trabalho, como principalmente, evidenciar o papel significativo do cônsul Joseph Ray no cenário criado em Pernambuco com a revolução de 1817. Os dados aqui apresentados sobre o cônsul, tanto os bibliográficos quanto os arquivistas, levam a crer que foi real o envolvimento de Ray com os revoltosos, o que não significa o esgotamento da pesquisa, pois com os avanços novas formas de aprofundar o estudo do tema serão trabalhadas, contribuindo para o avanço historiográfico.

REFERÊNCIAS

FONTES MANUSCRITAS

Arquivo Público Jordão Emereciano (Apeje)
Ordens Régias, códice. 37, 1818, fl. 50
Ordens Régias, códice 37, 1818, fl.106
Ordens Régias, códice 37, 1818, fl. 103
Correspondências para Corte, códice 25, 1819. fl.22
Correspondências para Corte, códice 25, 1818, fl.60
Correspondências para Corte, códice 25, 1819, fl. 61

BIBLIOGRAFIA

- CABRAL, Flávio José Gomes. *Uma nova revolução em Pernambuco: Bastidores de uma suposta sedição projetada em 1817 por “ mão oculta” do governo norte-americano*. Disponível em: [http:// www.pe.anpuh.org](http://www.pe.anpuh.org). Acesso em 17 de Dezembro. 2011.
- CABRAL, Flávio José Gomes. *Dimensões internacionais da Revolução Pernambucana de 1817: a missão diplomática de Cabugá nos Estados Unidos da América*. Disponível em: <http://www.congressonucleas.com.br>. Acesso em 28 de Setembro de 2012.
- COSTA, J. A Ferreira da. Napoleão I e o Brasil, *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco*, vol. X, 1903.
- FARIA, António. Concepção de história e prática política: o abade Correia da Serra (1751-1823). Dissertação (Mestrado em História), Universidade de Lisboa, 1999.
- HORNE, Gerald. O Sul mais distante: o Brasil, os Estados Unidos e o tráfico de escravos africanos. Tradução de Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KAHLER, Mary Ellis. *Relations between Brazil and United States, 1815-1825, with especial reference to the revolutions of 1817 and 1824*. PhD (History) - The American University, Faculty of the College of Arts and Sciences, Washington, 1968.
- MELLO, Mário. Jornal do Comércio, Recife, 4 de setembro de 1939.
- MOURÃO, Gonçalo de Barros Carvalho e Mello, *A Revolução de 1817 e a História do Brasil*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.
- VEIGA, Gláucio. O Cônsul Joseph Ray, os Estado Unidos e a Revolução de 1817, *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco*, vol. VII 1979.
- WRIGHT, Antônia F. P. de Almeida. *Desafio americano à preponderância britânica no Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.